

# Do trágico ao drama, salve-se pelo humor!\*

Maria Mazzarello Cotta Ribeiro \*\*

Palavras-chave: humor; chiste; cômico; masoquismo; narcisismo; pulsão de morte; invulnerabilidade do ego; superego.

Resumo: Este texto comenta as três formas de comicidade: chiste, cômico e humor, ressaltando que o humor possui “qualquer coisa de grandeza e elevação”, que falta às demais formas de buscar o prazer pela atividade intelectual. Aborda ainda suas implicações na clínica psicanalítica, mostrando as características do superego do analisando, assim como a invulnerabilidade do ego e o triunfo do narcisismo diante dos sofrimentos inevitáveis da vida, e como o sujeito pode transformar seu drama individual no simples trágico existencial.

Autorretrato

Por mi parte,  
soy o creo ser duro de nariz, mínimo de ojos, escaso de pelos en la cabeza,  
creciente de abdomen, largo de piernas, ancho de suelas, amarillo de tez,  
generoso de amores, imposible de cálculos, confuso de palabras, tierno de manos,  
lento de andar, inoxidable de corazón, aficionado a estrellas, mareas, terremotos,  
admirador de escarabajos, caminante de arenas, torpe de instituciones,  
chileno a perpetuidad, amigo de mis amigos, mudo para enemigos,  
entrometido entre pájaros, mal educado en casa, tímido en los salones,  
audaz en la soledad, arrepentido sin objeto, horrendo administrador, navegante de boca,  
yerbatero de la tinta, discreto entre animales, afortunado en nubarrones,  
investigador en mercados, oscuro en las bibliotecas, melancólico en las cordilleras,  
incansable en los bosques, lentísimo de contestaciones, ocurrente años después,  
vulgar durante todo el año, resplandeciente con cuaderno, monumental de apetito,  
tigre para dormir, sosegado en la alegría, inspector de cielo nocturno,  
trabajador invisible, desordenado, persistente, valiente por necesidad,  
cobarde sin pecado, soñoliento de vocación, amable de mujeres,  
activo por padecimiento, poeta por maldición y tonto de capirote.

Pablo Neruda

Auto-retrato

De minha parte,

sou ou creio ser de nariz grande, de olhos pequenos, com poucos cabelos na cabeça,  
de abdômen volumoso, de pernas compridas, de pés grandes, amarelo de pele,  
generoso nos amores, impossível com cálculos, confuso com as palavras, terno com as mãos,

\* Trabalho apresentado na Mesa-Redonda da XXV Jornada do Fórum de Psicanálise do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, em outubro de 2007.

\*\* Psicóloga, Psicanalista, Sócia do CBP, Presidente do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, Gestão 2005-2007.

lento ao andar, de coração inoxidável, adorador das estrelas, marés, terremotos, admirador de besouros, caminhante das areias, ignorante das instituições, chileno perpétuo, amigo dos meus amigos, mudo com inimigos, intrometido entre os pássaros, mal-educado em casa, tímido nos salões, audaz na solidão, arrependido sem objeto, horrendo administrador, navegante de boca, curandeiro da tinta, discreto entre animais, afortunado nas nuvens densas, pesquisador de mercados, obscuro nas bibliotecas, melancólico nas cordilheiras, incansável nas florestas, lentíssimo nas respostas, ocorrente anos depois, vulgar durante todo o ano, resplandecente com meu caderno, de apetite monumental, tigre para dormir, sossegado na alegria, inspetor do céu noturno, trabalhador invisível, desordenado, persistente, valente por necessidade, covarde sem pecado, sonolento por vocação, amável com mulheres, ativo por padecimento, poeta por maldição e tonto dos tontos.  
Pablo Neruda - (Chile, 1904-1973) Prêmio Nobel de Literatura em 1971.

A leveza de atitude é um privilégio de algumas pessoas, quando, diante do real que as assola, têm a capacidade de rir de si mesmas ou do outro, ao fazer uma anedota suprimindo, in statu nascendi, um afeto doloroso.

O humor, como tema psicanalítico, foi pouco estudado pelos clínicos. Temos vários ensaios sobre o riso, mas quase todos enfocam a vertente do cômico que é significativamente diferente do humor. Autores como Henri Bergson (1899), Mikhail Bakhtin (1996) e Vladimir Propp (1992) têm interessantes obras sobre os bastidores do riso e os procedimentos para produção da comicidade. Freud foi um grande leitor de Theodor Lipps cuja obra *Komik und Humor* (1898) muito o influenciou.

Como palavra, ele é empregado em vários sentidos. Humor como elemento líquido de toda espécie: água, vinho, lágrimas, sangue. Da teoria de Hipócrates, temos os humores do corpo: sangue, fleuma, bile amarela e bile negra, que, em concentrações diferentes, corresponderiam aos temperamentos: sanguíneo, fleumático, melancólico e colérico. Depois se desenvolveram as teorias de Galeno,

Paracelso, Kraepelin, chegando ao conceito de timia e de distúrbios do humor na psiquiatria, hoje em dia muito em voga com a multiplicação dos diagnósticos de casos de bipolaridade. E, ainda, humor como umidade. Estaria aqui o germe do riso úmido, o riso entre lágrimas, uma evidência da contraposição entre vida e morte?

Como descrição de estados de espírito, as pessoas podem ser bem ou mal-humoradas, referindo a um modo de ser diante da vida. Se tomada como um substantivo adjetivado, a expressão adquire outro emprego: estar de bom humor ou de mau humor, significando momentos pontuais, quando algo desconhecido, pelo observador ou pelo próprio sujeito, está influenciando as relações interpessoais da pessoa em questão.

Temos, ainda, o humor na mídia: o humorismo como forma de provocar o riso e a graça voluntariamente, ao abordar, com acentuado exagero, irreverência e crítica, temas do cotidiano, evidenciando as contradições do humano.

Mas o humor de que trata a psicanálise é de outra ordem. Apareceu pela

primeira vez em 1905, na seção 7 do último capítulo do livro *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, sendo retomado vinte e dois anos depois no texto *O humor* (1927), para ser apresentado na abertura do X Congresso Psicanalítico Internacional, em Innsbruck. Nessa época, já havia o estudo da segunda tópica, mostrando uma nova estruturação do aparelho psíquico, Id, Ego e Superego, acrescentados às instâncias Ics, Pcs e Cs, acrescentadas, agora, dos conceitos sobre masoquismo, narcisismo e pulsão de morte. Este texto trabalha a tese do triunfo do eu, que se recusa a ser afligido pelas provocações da realidade e se recusa a permitir que seja compelido a sofrer diante das intempéries da vida, e o faz de forma espirituosa e leve, sem ser arrogante nem niilista.

Assim como o chiste e o cômico – e, dentro deste, a mímica, a pantomima, a caricatura, o travestismo, a paródia, o disfarce, o desmascaramento, a imitação etc. –, o humor é classificado como uma das formas de comicidade. Todas “têm algo de liberador, mas só o humor é que possui qualquer coisa de grandeza e elevação, que falta às outras duas maneiras de obter prazer da atividade intelectual. Essa grandeza reside no triunfo do narcisismo, na afirmação vitoriosa da invulnerabilidade do ego”<sup>1</sup>.

Alguns autores trataram o tema do prazer igualando chiste e humor, porém Freud foi muito claro na distinção deles, inclusive quanto às suas origens no psiquismo. O chiste é construído por uma idéia recalcada no Inconsciente que, sob certa pressão, força passagem surgindo pronto na Consciência. É uma formação do inconsciente, assim como os sonhos, os atos falhos e os sintomas. Sua produção exige o compartilhamento pelo pú-

blico da mesma representação recalcada, sofrer as mesmas pressões e ter experiência da situação enfocada. Isto é o que Freud chamou de “serem da mesma paróquia”. Sua construção requer três lugares: quem faz, o assunto e quem o confirma com uma gargalhada. Temos o chiste do FAMILIONÁRIO, contado pelo poeta alemão Heinrich Heine, que é o chiste por excelência, trabalhado no texto de Freud, de 1905. Já o humor tem sua origem no Pré-consciente, por atuação do Superego, na evitação de um sentimento doloroso iminente. Não tem a mesma explosão de prazer e riso encontrados no chiste, porém, é mais sublime e enobecedor. Ambos estão a serviço do princípio do prazer, mas de formas diferentes, e é bem verdade que o estudo do humor tem suas raízes nos chistes. Podemos conferir o humor, por exemplo, nos filmes de Charles Chaplin e Wood Allen. O cômico é uma relação dual: quem constata e o que é constatado. O riso surge da diferença na comparação entre a expectativa de uma idéia e sua constatação. Geralmente põe em evidência uma despesa maior que a necessária. Exemplos clássicos temos nos filmes: *Os Três Patetas*, *O Gordo e o Magro*, *Os Trapalhões*, etc.

Essas três modalidades da comicidade podem ser estudadas segundo o entrelaçamento dos três registros psíquicos: simbólico, real e imaginário. O chiste privilegia o simbólico, o cômico é atravessado pelo imaginário, ficando o humor no enfrentamento com o real.

O humor “não é resignado, mas rebelde”, disse Freud, chamando a atenção para a determinação da mente em rejeitar as reivindicações da realidade e sustentar o princípio do prazer. Para Alberto Goldin, o humor “denuncia os disfarces com os quais a civilização

<sup>1</sup> FREUD, S. *O humor* [1927]. In: \_\_\_\_\_. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p.190.

oculta a precária realidade humana”<sup>2</sup>. Para Henri Bergson, ele nos poupa da fadiga de viver.

É dito que as mulheres fazem ou têm menos humor. A explicação se pauta na força das restrições impostas a elas pela cultura falocêntrica, que abafa o riso das mulheres, e pela constatação da castração, elas não têm do que rir. Só o fazem quando se sentem liberadas da dor que esta falta lhes imprime, e em companhia de outras mulheres, que também admitem, sem drama, sua insuficiência fálica. Outro ponto que corrobora esta idéia é a questão da elasticidade do superego feminino, que as distanciaria da produção do humor.

D. Kupermann relata, em seu livro *Seria trágico... se não fosse cômico*, uma pesquisa divulgada em 2005, realizada por Eric Bressler, do Departamento de Psicologia da McMaster University do Canadá, que constatou que 62% das mulheres preferem homens que as fazem rir; 65% dos homens preferem mulheres, para os relacionamentos sexuais, que apreciem seu humor; e, para as amizades, preferem ficar perto de mulheres que produzam humor. Dados curiosos, mas confirmam as bases da nossa cultura ocidental.

A mente humana possui vários métodos que possibilitam escapar da realidade incômoda, evitando o sofrimento. Vai da neurose à loucura, passando pelas drogas, intoxicações, auto- absorção, êxtase, fantasia, etc., mas é pelo humor que o conseguimos sem ultrapassar os limites da saúde mental. Através dele, a pessoa afasta-se da dor, reconhecendo, no entanto, a fragilidade humana, sem negá-la.

Freud o considera “um dom raro e precioso”. Ele mesmo foi descrito, pelos seus biógrafos, como sendo um homem espirituoso. Algumas passagens de sua vida confirmam este dom, por exemplo, quando as autoridades nazistas exigiram que ele assinasse um documento declarando não ter sofrido maus-tratos. Ele assinou, mas acrescentou de próprio punho: “Posso recomendar altamente a Gestapo a todos”<sup>3</sup>. Para sua sorte, seu fino humor passou despercebido pelos oficiais. Peter Gay chamou este ato de “um gesto curioso”, mas, em que pesem as especulações, Freud mostrou com esse gesto sua vitalidade e desafio ao sofrimento, ainda presentes, já com mais de 80 anos.

Também disse a Ernest Jones, ao saber da queima de seus livros: “Que progressos estamos fazendo! Na Idade Média, teriam queimado a mim; hoje em dia, eles se contentam em queimar meus livros”<sup>4</sup>.

E ainda em seus últimos dias, estando ao lado do seu médico, Max Schur, escutaram o anúncio no rádio de que aquela seria a última guerra. Max Schur então lhe perguntou se ele acreditava nisto, ele lhe respondeu: “Minha última guerra”<sup>5</sup>.

A atitude de reagir pelo humor às desgraças da vida mostra ser o homem um incansável buscador de prazer. Dá primazia ao princípio de prazer-desprazer. Goza com inteligência dos infortúnios e da morte. Atesta pela alegria, conquistada por uma ironia fina, mas não destrutiva, a recuperação do humor da nossa infância, quando não precisávamos recorrer ao cômico para nos sentirmos felizes na vida.

<sup>2</sup> GOLDIN, A. De amores e humores. *Cadernos de Psicanálise*, Sociedade de Psicologia Clínica do Rio de Janeiro, Instituto de Psicanálise, ano 3, n.5, 1984. p.36.

<sup>3</sup> GAY, P. *Freud, uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 567.

<sup>4</sup> Id., *ibid.*, p536.

<sup>5</sup> Id., *ibid.*, p 586.

O humor é rebelde ao se contrapor a uma realidade deserotizada, à resignação de uma inércia psíquica, à cisão entre os princípios de prazer e de realidade, à melancolia do desinvestimento libidinal, à resignação masoquista, ao real implacável. Consegue-se esta proeza quando a carga libidinal do eu afligido é transferida para o superego, inflando-o, de modo que este último, assim fortalecido, se torna afável e complacente, como teriam sido os pais da infância ante a criança desamparada. Esta é uma alternativa possível para o masoquismo, que, segundo D. Kupermann, parece ser “o destino inexorável para as subjetividades”<sup>6</sup>. No masoquismo, o sujeito erotiza o sofrimento, coloca em primeiro plano suas queixas intermináveis de tudo e de todos. São lamentos impregnados pela ação da pulsão de morte e, sem dúvida, mal-humorados.

Freud sempre enfatizou a questão econômica: a carga energética investida no processo de afastamento de uma representação para evitar o desprazer e como sua liberação pode ser seguida pelo riso. D. Kupermann fala também de efeitos semelhantes do ato analítico. “Há, nesse sentido, a indicação de uma dimensão eminentemente econômica embutida nos efeitos esperados do ato analítico, intensidades que não necessitam, e talvez mesmo não possam, ser representadas”<sup>7</sup>, então, convocam o corpo, que se expressa pelo riso.

Seria o humor um estado de felicidade? Desde 1895, no texto *A psicoterapia da histeria*, Freud já afirmava que a psicanálise não prometia a felicidade e que seus propósitos se concentravam em transformar “a miséria histérica” em “infelicidade banal”, o sofrimento neurótico, o drama pessoal, em infelicidade comum,

pensando que, com a restauração do equilíbrio das forças psíquicas, com a elaboração dos traumas e uma nova distribuição do investimento libidinal, os pacientes estariam mais preparados para lidar com a infelicidade.

Em 1929, Freud escreve: “A felicidade, no reduzido sentido em que a reconhecemos como possível, constitui um problema da economia da libido do indivíduo. Não existe uma regra de ouro que se aplique a todos: todo homem tem de descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo”<sup>8</sup>. Da mesma forma, Lacan pergunta: “Agiste conforme o desejo que te habita?”<sup>9</sup>, no Seminário, Livro 7, *A Ética da Psicanálise*. A única coisa da qual se possa ser culpado é ceder de seu desejo, colocando-o a serviço dos bens. Isto é, conformando-os à ética tradicional: da depreciação do desejo, da modéstia e da temperança. A ética da psicanálise implica a dimensão da experiência trágica da vida, assim como sua dimensão cômica, daí a existência do tragicômico. Fazer as coisas em nome do bem e, ainda mais, em nome do bem do outro não nos protege da culpa, das catástrofes interiores, da neurose e suas conseqüências. Já os poetas apontaram bem antes: “Nada é mais difícil de suportar que uma sucessão de dias belos”<sup>10</sup>, nos adverte Goethe. Então, se não pode ser um estado eternizado, se é uma questão de economia/investimento, se busca o reconhecimento do próprio desejo, podemos dizer que a felicidade é pontual, marcada pelo afeto da alegria, prazerosa e fugaz. O humor está no caminho certo!

A satisfação sentida pelo humor se iguala à satisfação da experiência da

<sup>6</sup> KUPERMANN, D. *Ousar rir: humor, criação e psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 27.

<sup>7</sup> Id., *ibid.*, p. 223.

<sup>8</sup> FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. [1929], op. cit. v. XXI. p.103.

<sup>9</sup> LACAN, J. *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise* [1959/60]. Rio de Janeiro: JZE, 1988. p.376.

criação sublimatória. É também o que sentimos na contemplação do belo na obra de arte. Lacan ressalta que, na sublimação, este estado afetivo ocorre pelo movimento da troca do objeto, e não só pelo fato de a pulsão atingir seu alvo: a satisfação. O enfoque passa a ser a mudança, o dinâmico impresso no movimento desejante e não o objeto em si. Este é mutável. “Insisto – essa relação propriamente metonímica de um significante ao outro que chamamos de desejo, não é o novo objeto, nem o objeto anterior, é a própria mudança de objeto em si”<sup>11</sup>.

A felicidade, por ser da ordem do imaginário, não pode ser prometida por ninguém a ninguém, mas pode-se conquistar, por uma análise bem conduzida e bem-sucedida, um “gaio saber”, que mesmo sendo um saber de conteúdo desagradável, revela uma alegria pela sua conquista. O prazer é fruto do reencontro com o conhecimento. Gaio saber, termo usado por Lacan, ou gaia ciência vem do Romantismo, “saber alegre”, que concerne à arte dos poetas de combinar rimas e estrofes.

Este gaio saber é “um saber que pode promover uma modificação no sentido do resgate para o sujeito, da potência de pensar e agir criativamente”<sup>12</sup>. É um saber que não se aniquila com o saber sobre a falta; que suporta nossa condição sexuada e mortal; que reconhece a falta do ser e a impossibilidade de um gozo absoluto. Nele a alegria se impõe, não desconhecendo o trágico da experiência de viver. O superego diria ao eu: “O mundo parece perigoso, mas não passa de um jogo infantil, digno apenas de uma anedota sobre ele”<sup>13</sup>.

O humor seduz! Na análise, feito pelo analista ou pelo paciente, ele seria uma sedução, uma ironia, um deboche, uma desconsideração pela dor do outro, uma agressividade? Seria um descaminho à ética? Há aí um engano. Não é uma proposta de que o analista ou o analisando sejam engraçados ou divertidos e, sim, que se outorgue ao humor ou ao chiste o status de interpretação. Esse dom, “raro e precioso”, é a habilidade que o homem, potencialmente, tem, mas só alguns conseguem transformar o drama individual no simples trágico existencial, salvando-se pelo humor; uma constatação de que nada foi sério fora dos nossos campos imaginário e simbólico.

No livro sobre os chistes, Freud fala do riso do paciente quando a interpretação do analista vai ao encontro do material inconsciente. Como se, pego em flagrante, não tivesse palavras para recobrir esta descoberta. Seu consentimento é expresso pelo riso, mesmo que seu conteúdo não o justifique.

Os analisandos que, durante o percurso analítico, conseguem ter atitudes mais amenas, ternas e afetuosas consigo mesmos, que conseguem rir dos próprios tropeços, sem dúvida, caminharão no sentido de se afastarem da fatalidade na qual se encontram. François Roustang também refere ser este dom igualmente desejável no analista. Os analistas sisudos conduzem ao pior, à “incapacidade de análise – por não serem susceptíveis de estarem, também eles, em outro nível além do que se encontram”<sup>14</sup>. O humor abre a possibilidade de as defesas se deslocarem e mudarem de posição e de lugar. Há um esvaziamento do estilo dramático da

<sup>10</sup> FREUD, S. O mal-estar na civilização [1929], op. cit. v. XXI, p.95.

<sup>11</sup> LACAN, J. O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise [1959/60] op. cit. p.352.

<sup>12</sup> KUPERMANN, D. Ousar rir: humor, criação e psicanálise, op.cit., p. 230.

<sup>13</sup> FREUD, S. O humor, [1927], op. cit., v. XXI, p.194.

narrativa do paciente que neste momento se depara com a inutilidade do gozo que, até então, manteve o sujeito preso ao seu drama.

A respeito do humor macabro, o humor negro, François Roustang diz ser esta a única maneira de que dispõe o homem para provar seu respeito em relação à morte. É um anteparo saudável para a insistência da pulsão de morte. É uma tentativa de driblar a morte, reconhecendo-a. Sendo “liberador e enobrecedor”, o humor brinca com a morte numa transgressão autorizada pelo superego, num esmaecimento do princípio de realidade a favor do princípio de prazer. Como expressa Abrão Slavutzky, “é uma colônia do princípio do prazer no território do princípio de realidade”<sup>15</sup>. É comum surgirem piadas de humor negro após grandes catástrofes. Isto parece, a princípio, um desrespeito à dor, à perda, ao sofrimento, mas é justamente o contrário. Esta é uma forma de reverenciar a morte e reconhecer nosso limite diante dela, mas, mesmo assim, podemos driblar o sofrimento!

A aproximação que se faz do conceito do Unheimlich, o estranho, com o riso diz respeito mais ao chiste e ao cômico do que ao humor, pois mostra o que deveria ter permanecido secreto e veio à luz sem pedir licença, que é mais próprio às duas primeiras formas de comicidade.

Sonia Alberti, no ensaio Fragmentos de um discurso humorístico, retoma as idéias freudianas dizendo: “o humor

é ponto de partida para o conhecimento de um superego que fala de forma consoladora e amorosa ao ego”<sup>16</sup>, permitindo o gozo pelo imperativo: Goze!, não proibitivo, mas vital. Já o mau humor é uma vivência, também ilusória, de uma proibição de gozo pelos pais da infância, proibição que neste caso se mostra como uma incapacidade de suplantá-los. O indivíduo não se sente autorizado a suplantar os pais do Édipo.

Dizer bom humor é uma redundância! Deveríamos dizer humor e mau humor, porque humor é este estado de bem-estar e escorrega-se dele para o mau humor. Este último é, para Lacan, a “emoção própria de um corpo que não encontra lugar na linguagem, pelo menos não de seu agrado”<sup>17</sup>.

Octave Mannoni, num ensaio também sobre O riso (1984), impediu que este tema continuasse no limbo em que “analistas carrancudos e suas análises melancólicas o mantiveram encerrado”. São ainda suas palavras: “no decorrer de uma sessão, no momento em que se revela o sentido de uma falta que libera alguma coisa do inconsciente, o riso do paciente ou do analista pode ter muito sentido. É o sinal da eliminação de um obstáculo inconsciente. A angústia, o medo, a cólera, as lágrimas não fornecem, evidentemente, nada tão valioso, embora também possuam seu sentido. E o sério, que coloca o analista numa posição de controle, e o analisando, pode-se dizer, numa posição de expectativa ansiosa, não tem as mesmas virtudes [...]”<sup>18</sup>.

<sup>14</sup> ROUSTANG, F. Meu caro amigo. Cadernos de Psicanálise, Sociedade de Psicologia Clínica do Rio de Janeiro, Instituto de Psicanálise, ano 3, n.5, 1984. p. 31.

<sup>15</sup> SLAVUTZKY, A. O precioso dom do humor. In: KUPERMANN, Daniel (Org.). Seria trágico... se não fosse cômico. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p.21.

<sup>16</sup> ALBERTI, S. Fragmentos de um discurso humorístico. Cadernos de Psicanálise, Sociedade de Psicologia Clínica do Rio de Janeiro, Instituto de Psicanálise, ano 3, n.5, 1984. p. 8.

<sup>17</sup> PEREDA, L. C. Humor e Psicanálise. In: KUPERMANN, Daniel(Org.). Seria trágico... se não fosse cômico, op. cit., p.115.

<sup>18</sup> Apud AGUIAR, Fernando. O humor analítico: o modelo Witzig de interpretação. Percurso: Revista de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, ano 17, n.33, 2004.

De uma paciente, escutei o seguinte relato: “Meu marido (que tem limitações físicas) perdeu o emprego, justamente quando nos preparávamos para mobiliar a casa”. Então ela lhe disse: “Resolvido! Nossos móveis serão comprados na Imaginarium!”, referindo-se a uma conhecida loja dos nossos shoppings.

Certa vez, ouvi de meu pai: “Há que se ter sentimentos mais delicados para com a vida, quando o infortúnio nos surpreende!”

“O sujeito bem-humorado reconhece com mais facilidade a presença em si de suas vulnerabilidades e falhas”<sup>19</sup>. Não se outorga a posição de estar acima do Bem e do Mal; com isto pode, inclusive, rir e brincar com um dito humor a respeito das exigências implacáveis do seu ego ideal e do superego. Já o sujeito que se leva extremamente a sério, tem para com a vida uma atitude de “imponente impotência”, fachada para um narcisismo exacerbado, mas frágil.

Ter humor é diferente de ser chistoso e de ser um piadista. Este último, com suas piadas, nos convida ao gozo e ao prazer pelo riso que provoca. Ele exerce uma sedução quase de graça, mas não o é, inteiramente, porque tem como retorno seu eu inflado. Sendo um catalisador do gozo do outro, isto lhe confere prestígio, equilibrando suas forças psíquicas quanto ao narcisismo e à necessidade de reconhecimento. Geralmente, não aceita ter falhas e muito menos ser confrontado. O uso excessivo da piada e do chiste, socialmente, pode ser uma máscara para uma personalidade instável, porque se quer acreditar onipotente. Podemos também mudar de posição: ora somos sedutores, ora seduzidos!

Enquanto no humor certa quantidade de energia é retirada do eu e transferida para o superego, formando o dito humorístico, no chiste é o eu que é superinvestido pela pressão de conteúdos vindos do inconsciente, produzindo o dito chistoso, numa formação do inconsciente. Em ambos, há a primazia do princípio do prazer, mas têm objetivos diferentes. No primeiro, a intenção é evitar o sentimento doloroso nascente; no segundo, é a busca do prazer na liberação da pressão causada pelo recalque.

O chiste, o cômico e o humor, e o conseqüente riso, são formas construídas pelo sujeito para lidar, de modo mais eficiente, com a constatação inequívoca do mal-estar na cultura, do desamparo estrutural, da pulsão de morte que o habita, das desgraças da vida, da infelicidade que o assola, inscrevendo a dimensão trágica da existência. Wittgenstein definiu o humor como uma maneira de olhar o mundo.

A condução de uma análise não deve fixar-se no registro do drama, e, sim, investir em transformá-lo no registro apenas do trágico. Segundo Joel Birman, foi Lacan quem relançou essa dimensão do trágico na psicanálise, ao enunciar a existência da relação paradoxal do sujeito com a dor, o prazer e a morte que se descortinam na experiência psicanalítica. O humor já faz parte das possibilidades clínicas, tirando o analista de uma posição rígida, sem cair, no entanto, no piadista irreverente.

Este tema vem mostrar quanto ele permeia nossa experiência clínica e institucional. Se a psicanálise visa à subversão do sujeito, o humor a evidencia. Elisabeth Roudinesco disse, certa vez, que vivemos em uma sociedade

<sup>19</sup> BIRMAN, J. Frente e verso: o trágico e o cômico na desconstrução do poder. In: KUPERMANN, Daniel. (Org.). *Seria trágico... se não fosse cômico...* op. cit., p. 90.



depressiva. Um mau humor crônico se apossou das pessoas, que mostram uma amargura na vida, às quais faltam humor e prazer em viver. A cultura pós-moderna exige do homem uma adaptação a novas exigências e um culto ao sucesso pessoal, a qualquer custo, gerando baixa resistência à frustração e à castração.

A presença do humor na clínica traz indicações sobre as características do superego do analisando e sua capacidade de não se fixar numa posição masoquista, sendo uma vítima acorrentada à pulsão de morte, de não se petrificar numa mortificação melancólica, mas saber deslocar-se da impotência do dramático para, de modo triunfante, dar a volta por cima, principalmente pelo sublime do humor. Aqui ficamos com os versos do poeta Paulo Vanzolini em Volta por cima.

Chorei, não procurei esconder, todos viram!  
Fingiram pena de mim, não precisava!  
Ali, onde eu chorei, qualquer um chorava.  
Dar a volta por cima que eu dei,  
Quero ver quem dava!

Um homem de moral, não fica no chão,  
Nem quer que mulher, lhe venha dar a mão!  
Reconhece a queda e não desanima!  
Levanta, sacode a poeira e  
dá a volta por cima!

humour!

**Key-words:** humour; wit; comedy; masochism; narcissism; death impulse; invulnerability of the ego; superego.

**Abstract**

This text comments the three forms of comicity: wit, comedy and humour, showing that humour gets “something of greatness and elevation” that is missing in the other forms of getting pleasure from intellectual activity. The author discusses the implications of humour in the psychoanalytic clinic, focusing upon the characteristics of the patient’s superego, as well as, the invulnerability of the ego and the triumph of narcissism in dealing with the sufferings of life, and ways used by people to transform individual drama into simple existential tragedy.

## Referências

---

AGUIAR, F. O humor analítico: o modelo witzig de interpretação. *Percurso: Revista de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae*, ano 17, n. 33, 2004.

ALBERTI, S. Fragmentos de um discurso humorístico. *Cadernos de Psicanálise, Sociedade de Psicologia Clínica do Rio de Janeiro, Instituto de Psicanálise*, ano 3, n.5, 1984.

BERGSON, H. O riso: ensaio sobre a significação da comicidade. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BIRMAN, J. Frente e verso: o trágico e o cômico na desconstrução do poder. In: KUPERMANN, Daniel (Org.). *Seria trágico... se não fosse cômico*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FREUD, S. O humor [1927]. In: \_\_\_\_\_. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XXI.

FREUD, S. O mal-estar na civilização [1929]. In: \_\_\_\_\_. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XXI.

GAY, P. Freud: uma vida para nosso tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GODOY MOREIRA, M. S. de. Função integrativa do humor. Trabalho apresentado no XI International Symposium for the Psychotherapy of Schizophrenia, Washington D.C., 1994.

GOLDIN, A. De amores e humores. *Cadernos de Psicanálise, Sociedade de Psicologia Clínica do Rio de Janeiro, Instituto de Psicanálise*, ano 3, n.5, 1984.

KUPERMANN, D. Do humor e do grotesco na psicanálise. *Jornal da Gradiva*. Disponível em: < <http://www.gradiva.com.br/site/scripts/grotesco2.htm> > Ensaio apresentado no VI Fórum Brasileiro de Psicanálise, São Leopoldo/RS, 2001.

KUPERMANN, D. Ousar rir: humor, criação e psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

KUPERMANN, D. (Org.). *Seria trágico... se não fosse cômico*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

LACAN, J. O seminário, livro 7: a ética da psicanálise [1959/60]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

PEREDA, L. C. Humor e psicanálise. In: KUPERMANN, Daniel (Org.). *Seria trágico... se não fosse cômico*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

ROUSTANG, F. Meu caro amigo. *Cadernos de Psicanálise, Sociedade de Psicologia Clínica do Rio de Janeiro, Instituto de Psicanálise*, ano 3, n.5, 1984.

SLAVUTZKY, A. O precioso dom do humor. In: KUPERMANN, Daniel (Org.). *Seria trágico... se não fosse cômico*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

Recebido em 02/05/2008.

Endereço para correspondência:

Rua Tomé de Souza 860 sala 806.  
Savassi. Belo Horizonte. MG.  
CEP 30 140 - 909.